

Da naturalização

VILEM FLUSSER

Uma teia de insinceridades, meias verdades e lugares-comuns grandiloquentes protege a nossa mente contra o confronto autêntico com a situação existencial na qual nos encontramos. Graças a essa teia podemos assumir poses no palco da chamada realidade social e, o que é mais importante ainda, podemos assumir essas poses diante do espelho. Uma das insinceridades, meias verdades e lugares-comuns destinados a proteger-nos diz respeito à nacionalidade. Graças a este conceito vago podemos desempenhar toda uma série de papéis na tragicomédia da sociedade e podemos executar toda uma série de gestos nobres e heróicos na pantomima da auto-ilusão, e podemos fazê-lo tanto melhor quanto mais vago for o conceito. Desta maneira a um tempo confortável e atraente podemos evitar a visão autêntica daquilo que somos e daquilo para o que tendemos. Existem, entretanto, infelizmente, momentos inevitáveis de sinceridade, momentos nos quais somos tomados de nojo de nós mesmos e das nossas mentiras. Nesses momentos a teia protetora se desfaz e somos chamados a fitar, espantados, o absurdo da situação dentro da qual estamos jogados. Toda aquela conversa fiada quanto aos valores da nossa existência cessa nesses momentos, e nós, desprotegidos e sós enfrentamos o nada que nos cerca. Nesses momentos de autenticidade não podemos fugir a um exame de consciência, isto é, ao exame das insinceridades, meias verdades e lugares-comuns que tecemos para proteger-nos. O presente artigo pretende examinar, nesse espírito, o conceito da nacionalidade. Essa tentativa exerce um fascínio sobre a mente do articulista, um fascínio tanto teórico como prático, porque o problema da nacionalidade encerra, de maneira grotesca, o problema da liberdade. Embora a nacionalidade faça, de certa forma, parte da situação existencial dentro da qual fomos jogados (nascemos com nacionalidade), podemos um tanto problemáticamente escolher a nossa nacionalidade (podemos naturalizar-nos). O presente artigo pretende, portanto, considerar primeiro a nacionalidade "nata", para depois dirigir sua atenção para a nacionalidade "naturalizada", essa insinceridade elevada ao quadrado, a qual, justamente por isto, pode assumir traços de autenticidade.

Disse que a nacionalidade faz parte da nossa situação existencial. Ninguém nos perguntou se queremos nascer, e ninguém nos perguntou se queremos nascer finlandeses ou gregos. A nacionalidade é um dos atributos que nos determinam e, já que nos determina, é um dos fatores que nos degrada como seres livres. É uma das algemas das quais o Buddha diz que é preciso quebrá-las. Mas se conseguíssemos o feito inimaginável de quebrar todas as nossas algemas, de despir-nos de todos

os nossos atributos, o que restaria? Nada. A nacionalidade é uma daquelas algemas cuja destruição implica na destruição de nós mesmos. Isto não impede a profunda inautenticidade, a artificialidade do conceito. No projeto da existência humana não está previsto o conceito da nacionalidade, tal como o conhecemos. O fato do nacionalismo o prova. Fosse a nacionalidade parte autêntica do nosso projeto existencial, o superfluo do nacionalismo acabaria com ele. O existencialmente autêntico não necessita de justificativas. Aliás, sabemos que o conceito da nacionalidade é relativamente recente e deve muitos dos seus aspectos a esforços deliberados de intelectuais dos dois últimos séculos. A nacionalidade, e todas as poses dela resultantes, não é existencialmente sincera.

A situação dentro da qual me encontro é caracterizada, em sua estrutura, pela centripetalidade. Eu sou o centro da situação, e tudo mais adquire importância e interesse em função de sua distância do centro que sou eu. Ao meu redor, ao alcance da minha mão, encontram-se os seres importantes e interessantes. O horizonte da situação é formado pelo caos indistintível dos seres sem importância e sem interesse. Por exemplo: o mosquito que me incomoda "hic et nunc" é infinitamente mais importante e mais interessante, por possuir infinitamente mais individualidade, que centenas de milhões de chineses que se localizam perto do meu horizonte, caoticamente indistinguíveis. As minhas relações com os seres que formam a minha situação são complexas, mas diminuem em intensidade à medida em que me afasto do centro que sou eu (se é que me posso afastar desse centro num esforço irônico de contemplação não-empenhada). Entre essas relações há uma que posso chamar de "conversação". Com alguns dos seres que me cercam converso. Chamarei esses seres de "coexistência". Coexistem comigo esses seres, porque presumo, por analogia, constituírem eles centros de situações parecidas com a minha, embora sejam essas situações mais ou menos excêntricas do meu ponto de vista. Quanto mais afastada de mim uma coexistência, tanto mais excêntrica a sua situação, e tanto mais difícil a conversação com ela. Esta é, ao meu ver, a descrição autêntica do "ambiente humano", dentro do qual me encontro.

A relação da "conversação" é sumamente intrincada. Estou unido com as minhas coexistências de mil maneiras e ligado a elas com mil fios. Posso distinguir, num esforço de racionalização,

ligações sentimentais e intelectuais, ligações estéticas e morais, ligações biológicas e econômicas, e assim ad infinitum. Mas a realidade existencial despreza, soberana, essas minhas tentativas de racionalizar o irracionalizável. São inautênticas essas tentativas, porque pretendem negar, pela simplificação, a minha solidão fundamental, consequência da complexidade insuperável das possíveis ligações com "o outro". Já que posso ligar-me à minha coexistência de tantas maneiras, nenhuma ligação será total, e nunca, nem pelo amor mais intenso, poderei reencontrar-me totalmente no "outro". Estou fundamentalmente só em meu avanço rumo à morte. As tentativas de racionalizar, pela simplificação, as ligações que me unem aos outros são tentativas de fugir à solidão da morte. O conceito da nacionalidade é uma entre essas tentativas racionalizantes. Divide as coexistências que me cercam em grupos nítidos (em nações), numa tentativa de retirar-me do centro da minha situação, e colocar-me dentro de um grupo a proteger-me contra a solidão da morte. O nacionalismo é a tentativa de negar a solidão existencial pela criação da ficção da nação como realidade, e da nacionalidade como atributo da existência humana. "A realidade brasileira" pretende negar, ou pelo menos minimalizar, a realidade da morte, e a afirmativa "eu sou brasileiro" pretende fazer-me esquecer que estou só.

Não obstante, embora seja uma simplificação (e portanto uma meia verdade), é o conceito da nacionalidade um dos aspectos da situação dentro da qual me encontro. Certas ligações que me unem ao "outro" podem realmente ser interpretadas como "nacionais", embora talvez não sejam dos mais fundamentais esses elos. Realmente, se "sou brasileiro", algo me une ao caboclo alagoano, embora seja difícil precisar esse algo. De certa forma coexisto mais com o caboclo alagoano que com um pastor de gado da Uganda. Mas é preciso confessar imediatamente, que converso muito mais intensamente com Aristoteles que com o caboclo alagoano, e que o caboclo alagoano deve existir em situação que se assemelha muito mais à situação do pastor de Uganda de que da minha. O tenue e fragil núcleo existencial que o conceito da nacionalidade encerra é justamente aquilo que o nacionalismo pretende fortalecer artificialmente, e o conseguiu na Europa de maneira impressionante no século 19. Fruto da filosofia idealista alemã, inteiramente divorciada da reali-

19/01/4

dade existencial, conseguiu o nacionalismo o feito milagroso de forjar, por exemplo, da nação alemã um bloco "monolítico", dentro do qual o filólogo prussiano estava intimamente ligado ao açougueiro austriaco, em união que se aproximava do misticismo. Dada a falsidade, a insinceridade e a artificialidade dessa ligação, o resultado do milagre não era inteiramente feliz e fecundo. O nacionalismo, sendo um sentimento existencialmente falso, consegue, é verdade, erradicar em certos casos sentimentos autênticos, como o amor ao "próximo" no sentido exato dessa palavra (o amor àquele que está perto de mim e com o qual converso intensamente e de muitas maneiras), mas não consegue libertar o homem da solidão e do medo da morte. Pelo contrário, intensifica o clima da angústia, já que, bem no fundo, sentimos todos a sua inautenticidade.

É possível encarar a situação dentro da qual nos encontramos, a distância, isto é, "ironicamente". Uma dessas distâncias, uma dessas ironias, é aquela que a história nos proporciona. Desse ponto de vista um tanto problemático podemos dizer que a nacionalidade caracteriza uma certa fase histórica, fase essa superada pela Europa, mas ainda não superada pelas sociedades "subdesenvolvidas". Mas a ironia, graças à qual alcançamos esse ponto de vista, desautentica ainda mais o conceito da nacionalidade. Se a afirmativa "eu sou bulgaro" já soava falsa na Europa do século 19, tanto mais falsa é a afirmativa "eu sou ghanense" na África do século 20, afirmada por quem reconhece o fundamento histórico, isto é, irônico, do conceito da nacionalidade. Equivale a dizer "eu sou ghanense, enquanto não posso ser outra coisa". Como atitude existencial não é das mais felizes. Todo nacionalismo atual está, a meu ver, marcado por essa frustração, por essa dupla insinceridade. O conceito da nacionalidade tem sido analisado, neste artigo, do ponto de vista existencial, mas sabemos que tem também outro aspecto puramente formal como item que consta no passaporte. Como tal não desperta, via de regra, sentimentos violentos. Para fins administrativos, a Terra está dividida em zonas chamadas "Estados", e foi estabelecida uma vaga e tácita correspondência entre Estado e nação, entre cidadania e nacionalidade. Essa correspondência é fortuita, mas contribui para a nossa confusão quanto ao conceito da nacionalidade. Neste sentido é possível escolher a nacionalidade, é possível naturalizar-se. É verdade que essa escolha é, em alto grau, ilusória, e que a liberdade que ela pressupõe é, em alto grau, fictícia. A análise existencial do imigrante revelará, se e quando for feita, o papel infimo que a liberdade de escolha tem na sua situação, e revelará portanto a falsidade da situação do imigrante. Mas não é menos verdade, paradoxalmente, que o naturalizado, justamente por ter

sido exposto violentamente à contradição dos dois sentidos do conceito "nacionalidade" e por ter sido exposto a pelo menos duas nacionalidades no primeiro sentido do conceito, tem uma experiência vivencial que falta ao nato. Um brasileiro naturalizado é, portanto, e paradoxalmente, em certo sentido vivencialmente mais empenhado em ser brasileiro que o brasileiro nato. É verdade que esse empenho adicional não deixa de ter seus aspectos cômicos e grotescos, já que o núcleo autêntico, tenue e fragil, que a "brasiliidade" do brasileiro nato encerra, é mais tenue ainda no brasileiro naturalizado. Neste sentido é a nacionalidade do brasileiro naturalizado ainda muito mais artificial que a do brasileiro nato e o nacionalismo do brasileiro naturalizado é uma farsa em grau ainda muito mais acentuado. Mas existe um outro sentido, no qual o brasileiro na-

turalizado o é mais autenticamente que o brasileiro nato. Escolheu, embora problemáticamente, ser brasileiro, enquanto que o nato foi jogado inteiramente passivo dentro da sua nacionalidade. A análise existencial e ética dessa diferença me parece ser de interesse iminente numa sociedade como a brasileira, a qual está sendo continuamente adubada pela corrente imigratória e a qual se debate, atualmente, e talvez em consequência dessa imigração, com o problema do nacionalismo.

O presente artigo não pretende ser, evidentemente, um estudo do problema da nacionalidade, da naturalização e do nacionalismo. Pretende, simplesmente, extirpar um pouco do mato da demagogia que cresce ao redor desses conceitos para tentar abrir uma picada em direção a uma visão mais autêntica dos problemas.